

Fazenda

Panelas



© Copyright 2018 by Pedro Rezende

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome da autora, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capa e Diagramação

Joselito Miranda

Editor

Claudefranklim Monteiro

Editoração

ArtNer Comunicação

Impressão

Infographics

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Ficha Catalográfica

Menezes, Pedro.

M541f Fazenda Panelas. /Pedro Menezes

-Aracaju: ArtNer Comunicação, 2018.

184p.

ISBN: 978-85-69567-36-3

1. História Narrativa-Memórias 2. Memórias-Histórias- Jornalista-Pedro Menezes

I - Título

CDU: 82-3: 94(813.7)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB- 5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 • 3043-1744

<http://artner.com.br/>

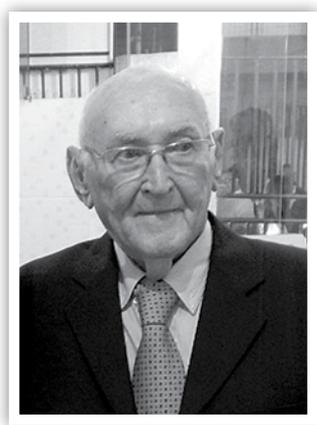
Pedro Menezes

Fazenda
Panelas

Aracaju-SE



2018



O autor
Pedro Menezes

Sumário

Prefácio.....	7
Introdução.....	9
1 Fazenda Panelas.....	11
2 Construtor	17
3 Rio São Francisco	19
4 Fazenda Escurial.....	21
5 Cidade de Belo Monte	25
6 Acesso a política	27
7 Primeira neta.....	31
8 Descendência dos Menezes.....	35
9 Política do café com leite	38
10 Maria Maurícia	42
11 Riqueza rural	45
12 Providência divina	48
13 Segundo filho	52
14 Casamento de Antônio.....	57
15 Pedacos de histórias.....	61
16 Morte imprevista.....	64
17 A herança	68
18 Fazendas monitoradas.....	72
19 A seca de 1932	76

20	O apartamento.....	79
21	Professora Conceição.....	83
22	A escola.....	86
23	Síndrome do pânico.....	89
24	Diploma de professora	92
25	Invasão de Mariano	95
26	O fim da invasão.....	99
27	A vacaria chega à fazenda.....	103
28	O cruzeiro	107
29	Morre Dindinha.....	110
30	Lampião no enterro.....	114
31	Assistência social	118
32	Exame de admissão	122
33	Falsa denúncia.....	126
34	Secretária de Estado.....	133
35	Maria Maurícia Menezes.....	136
36	O casal que deu certo.....	140
37	Encerrando o seminário	146
38	Em São Paulo/Capital	149
39	Ginásio para Lagarto	153
40	Propriedades invadidas	156
41	História para o cinema	159
42	Marechal Castelo Branco	164
43	Afogados no Rio da Guarda.....	166
44	Distribuição das terras.....	169
45	A origem da família.....	176
46	Família biológica	179

Prefácio

PARA ALÉM DE UM ROMANCE: AS LUZES DA MEMÓRIA E A LUCIDEZ HISTÓRICA DE UM JORNALISTA

A responsabilidade de escrever alguma coisa que esteja à altura do autor e de sua obra me fez recorrer ao historiador Jacques Le Goff, quando, em seu livro *História e Memória*, assim se expressa: “(...) como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e [...] um nível elementar de elaboração histórica (1990, p. 50).”

Valho-me das palavras dele para me dirigir ao jornalista Pedro Menezes, com reverência e entusiasmo. Reverência pelo que se tornou ao longo de anos dedicado à palavra, com uma marca registrada no jornalismo sergipano e nacional. Entusiasmo por tê-lo como uma inspiração de vida, saber que goza de uma lucidez histórica notável, ainda que seu corpo já não siga na mesma toada.

Sim. Eu quero envelhecer como ele: devotando especial amor pela palavra, tratando-a como a melhor das coisas femininas: trazendo ao peito, sob minhas mãos seguras, como a portar um belo e valioso livro; acariciando-a como num beijo da ponta da caneta ou dos dedos ao teclado, ligeiros.

Em 2016, pude fazer parte de uma página importante de sua trajetória como escritor. Depois de algumas malsucedidas tentativas, pudemos, enfim, trazer a lume a biografia de Antônio Martins

de Menezes, o homem que fundou a Colônia Treze, na cidade de Lagarto-SE.

Na ocasião, como agora, tive o privilégio de escrever o prefácio e de colaborar na edição. Foi uma experiência enriquecedora. Pedro Menezes pedia passagem para contar história e fazê-lo a deixar os melhores dos historiadores, no mínimo ruborizados, dada a sua precisão cirúrgica na narrativa dos fatos, na sua explicação e na elucidação de seus problemas.

Aqui, temos, mais uma vez, essas qualidades expressas. Um amálgama de memória e história, não necessariamente nessa ordem. Mas com a mestria de sempre. Uma notável escrita, que revela a história de uma família e de um lugar, de lugares de memória, de memórias postas ao alcance de um jornalista com faro de historiador nato.

Fazenda Panelas é um mergulho num passado histórico, rememorado por pessoas que viveram e construíram suas histórias em lugares diversos de Sergipe, Bahia e Alagoas e que migraram para outras paragens do país, a exemplo do próprio autor/personagem: natural de Gararu, andarilho no Rio de Janeiro, hoje cidadão lagartense.

Sem mais delongas, pois o tempo não pede licença, convido você leitor, a percorrer a jornada de uma história que para além de um romance, representam as luzes da memória e a lucidez histórica de um jornalista, cuja alcunha de ofício é Pedro Menezes.

Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos

Introdução

O texto deste livro contempla três referências: família, política e jornalismo. No **capítulo família** descreve-se sua vivência de alegria e tristeza. Tem início no século XIX, com a chegada de Pedro Vieira de Menezes, filho de Antônio José de Souza Menezes e Maria Izabel Vieira Menezes, nascidos – pais e filho - no município de Porto da Folha que, na época, chamava-se Buraco. Pedro Menezes comprou a fazenda Panelas no território da cidade de Gararu que, naquele tempo, era conhecida pelo nome de **Curral de Pedras**. O dono da fazenda Panelas casou com Maria Prazeres filha do casal Francisco Monteiro de Freitas e Ana Machado Freitas, proprietários da fazenda Escurial entre os municípios de Canhoba e Amparo do São Francisco, Sergipe.

Francisco Monteiro nasceu no município de Santana do Ipanema/AL. Ana Machado nasceu no município de Pão de Açúcar/AL. O casal teve só uma filha, Maria Prazeres que se tornou mulher de Pedro Menezes. O casal Pedro Menezes e Prazeres gerou seis filhos: três homens e três mulheres. Os homens: Antônio Vieira de Menezes, Manoel Monteiro Vieira de Menezes e Francisco Vieira de Menezes. As mulheres: Adélia, Dalila e Laura com o mesmo sobrenome.

Antônio com sua mulher Ana Josefa Rezende Menezes, filha do casal Manoel da Cruz Rezende e Maria do Céu Menezes Rezende geraram dez filhos, sete mulheres e três homens; Manoel Monteiro

e sua mulher, a professora Nair Costeira, tiveram nove filhos, três homens e seis mulheres; Francisco e sua mulher Deusa Aragão, tiveram três filhos, um homem e duas mulheres; Francisco e sua segunda mulher, a Professora Maria Conceição Morais, teve quatro filhos, uma mulher e três homens.

As mulheres: Adélia cassada com Ranulfo Aragão tiveram dois filhos homens; Dalila casada com Alcino Aragão tiveram sete filhos, quatro mulheres e três homens; Laura casada com Eustáquio Aragão, vulgo Ioiô Aragão tiveram três filhos dois homens e uma mulher. Pela quantidade de filhos sabe-se o tamanho da família. Credite-se a geração de filhos ao item **vivência de alegria**; credite-se ao item **vivência de tristeza**, a morte da mãe Ana Josefa aos 42 anos de idade, tempo em que os seus dez filhos eram crianças e adolescentes.

Credite-se a **referência Política** ao ingresso de Pedro Vieira de Menezes, em 1894, seduzido pelo então coronel que se tornou General do Exército, Manoel Presciliano Oliveira Valadão. O militar exercia seu curto primeiro mandato de Presidente da Província de Sergipe, de 1894 a 1896. Ao ascender à política e por ser latifundiário passou a ser conhecido por “coronel” Pedro Vieira de Menezes. Da política se beneficiou com recursos públicos que ajudaram a ampliar os seus domínios e construir novas casas que vendia às famílias que chegavam atraídas pelo movimento da fazenda. Como político desenvolveu programas sociais de interesse das famílias pobres da comunidade de Providência. Era visitado por políticos vindos de Aracaju para pedir votos. Ao se comprometer deve-se exigir contrapartida. É desse modo que as relações políticas se estabelecem. Sugestão da mulher Maria Maurícia Rezende de Menezes, sua conselheira política.

Fazenda Panelaas

Razão do nome, posse; dúvida; produção; curral de pedras.

Em janeiro de 1892, segundo o *Mapa dos Municípios*, vol. 05 p. 328, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe IHG/SE, chegava à fazenda Panelaas, - este era o nome, - adquirida por compra, seu proprietário, Pedro Vieira de Menezes, vindo de Porto da Folha, sua cidade de nascimento. A fazenda distava 20 quilômetros (3,5 léguas) da cidade de Gararu, situada nas margens do rio São Francisco. Na época Gararu era conhecida pelo codinome de Curral de Pedras. Ele estava com 32 anos de nascido. Ainda hoje, quem chega à cidade, observa à direita, uma construção de pedras que lembra o antigo nome. A cidade foi construída pelos ascendentes da família Cruz Rezende, representada por Manuel e Miguel da Cruz Rezende, já falecidos. O nome de Gararu foi dado para homenagear o cacique do mesmo nome da tribo que lá existia.

RAZÃO DO NOME

A descoberta de um campo de argila no interior da fazenda que se presta para a produção de artefatos de barro foi à razão de se dar a ela este nome. A velha olaria construída pelos antigos donos teve de ser reformada e retomada a produção de tijolos, blocos e telhas para a construção da casa de morar do novo proprietário e das casas dos

cinco trabalhadores que vieram com ele de Porto da Folha. As casas dos trabalhadores eram uma prioridade porque eles precisavam se juntar às famílias que ficaram em Porto da Folha. Os outros produtos: panelas, potes, porrões, alguidares, moringas para o comércio. Na época, os utensílios de cozinha eram feitos de barro. Cozinhava-se em panelas de barro.

Na casa de morar construída e inaugurada em agosto do ano de chegada, foi alojada a família, Antônio José de Souza Menezes, vulgo “Totonho” Izabel Vieira de Souza Menezes “Zabelinha” como ficou conhecida, os filhos: Manoel, o “Nesinho”, Pedro, Maria, Jesuíno, Francisco e José, o “Caduda” e as duas negras, Maria Teresa, a “Tetê” e Maria das Dores, a “das Dores”, adotadas desde crianças pela família. Os cinco trabalhadores que vieram com o patrão, foram acomodados na casa velha da fazenda.

Nasci, como os irmãos, na fazenda Panelas já denominada “Providência”. Meus pais, Antônio Vieira de Menezes e Ana Josefa Rezende de Menezes, me batizaram com o nome de Pedro Vieira de Menezes Neto, para lembrar o nome do avô paterno. Minha certidão de nascimento informa que nasci no município de Gararu, em cujo território estava a fazenda.

Meu pai nasceu em 29 de junho de 1896. Minha mãe Ana Josefa Rezende Menezes nasceu em 15 de junho de 1904, filha de Manoel da Cruz Rezende e de Maria do Céu Menezes Rezende. Minha irmã mais velha, Cremilda Rezende Menezes, nascida em três de fevereiro de 1924, falecida aos 91 anos, em 15 de janeiro de 2016, pesquisou a origem da família. Nos seus escritos dizia que o avô, “era uma pessoa branca, de rosto avermelhado, estatura mediana, olhos azuis”. Ela colheu esta informação de Helvécio Menezes Sobral, político influente na capital do estado, Aracaju, primo da avó materna Maria do Céu Rezende. Helvécio informava que o avô Pedro **“descendia de holandeses”**. Explicava: **“Quando os holandeses foram expulsos do território da cidade de São Cristóvão, por Cristóvão de**

Barros, então capital da Província de Sergipe, uma parte deles homiziou-se nas matas do território de Porto da Folha, à época, denominado “Buraco”. A cidade sede foi, por sinal, construída pela colônia ali instalada”.

Antônio Menezes de Souza conhecido pelo apelido “Tutu”, sobrinho de Pedro Menezes, informado, contestou a declaração de Helvécio. Ele disse:

- Pedro Vieira de Menezes descende dos Souza de Portugal”.

E argumentou:

- “O Brasil foi descoberto em 1500, século XVI, pelo navegador Pedro Álvares Cabral, português; em seguida, habitado por portugueses, trazidos de sua terra, durante e depois da colonização e do império”.

A opinião de “Tutu”, embora legítima, parece-me que não se sustenta. O fato de a população ser portuguesa, durante os dois períodos citados, não descaracteriza a opinião contrária. Prova-o, o fato dos moradores de Porto da Folha, até os dias atuais, embora já miscigenada, têm as seguintes características: pele clara e ruborizada, olhos azuis e verdes. Tais sinais encontram-se nos descendentes de Pedro Vieira de Menezes. A pesquisadora Cremilda Menezes comenta a opinião de “Tutu”. Ela escreveu um texto sobre a família no qual diz: **- O pai de Pedro Vieira de Menezes chamava-se Antônio José de Souza Menezes. * (Mapa dos Municípios, vol. 5, p. 328.**

A casa de morar, construída no ano de chegada, inaugurada em agosto, com grande alpendre na frente, corredor comprido; ampla sala de estar, na parte superior, outra, de igual dimensão, na sequência dos três dormitórios, para as refeições, ligada a cozinha, com seu fogão de lenha e um espaçoso banheiro, recuado. O local foi escolhido para ser a sede da fazenda, o centro comercial, da futura comunidade, conforme o desejo do proprietário.

Pedro Menezes logo cuidou de limpar a terra para dar início à produção. Na limpeza, botaram nas mãos dos trabalhadores, do pai,

irmãos, e nas suas próprias, o machado, a foice, a enxada, a chibanca e comandou a tarefa. “Zabelinha” e Maria assumiram o comando da casa; as duas negras, apesar de jovens, tomaram conta da cozinha, orientadas pela mãe adotiva, com a responsabilidade de cozinhar para todos.

No início de 1893, com parte das terras já limpa, o pessoal acomodado, resolveu inaugurar um armazém de secos e molhados para garantir a alimentação de fregueses, da família e dos empregados. O armazém foi instalado no lado direito, distante 50 metros da residência. A olaria reconstruída numa elevação, ao sul do tanque de água de uso da família, distante da área central, - mas não tão longe que não se chegasse a ele caminhando, continuou produzindo blocos tijolos e telhas para a construção de casas a serem vendidas a quem chegasse. O pai Antônio José, vulgo “Totonho”, recebeu a missão de mestre de obras.

Para construí-las, “Totonho” chamou seu antigo pedreiro, ao mesmo tempo, carpinteiro, de nome Manoel Francisco mais conhecido pelo apelido de “Chico Pequeno”. Este profissional sempre esteve ao seu lado, construindo casas e currais na propriedade que possuía na Ilha do Ouro, povoado de Porto da Folha, margens do rio São Francisco. A movimentação da fazenda Panelas chamava a atenção dos logradouros vizinhos. Pedreiros e seus ajudantes de “Tamanduá” e “Boca do Mato” apareciam oferecendo trabalho. Vários foram aproveitados. No final de 1893, 18 casas estavam concluídas, prontas para serem habitadas. Os pedreiros que foram mudaram-se, com a família, para a fazenda. Atualmente, os povoados Tamanduá e Boca do Mato são cidades sedes dos respectivos municípios de Graco Cardoso (Tamanduá) e Nossa Senhora da Glória (Boca do Mato).

Glória, como o município é mais conhecido, é a principal bacia leiteira do Estado de Sergipe. Lá funciona uma unidade da indústria de leite em pó da marca Glória: semidesnatado, desnatado e integral. A indústria produz, também, queijos de diversos tipos e qualidade,

manteiga e iogurte. Várias indústrias artesanais de queijos e manteiga funcionam no entorno da cidade. Seus produtos são vendidos por ambulantes em feiras das cidades dos atuais 75 municípios do estado, inclusive em Aracaju, capital.

A cidade de Glória cresceu muito. Conta, hoje, com um comércio expressivo, dois shoppings, dois supermercados, hospital, redes de bancos, de farmácias, médicos de especializações diferentes, Ordem dos Advogados do Brasil-OAB; advogados trabalhistas, criminais, de família entre outras especialidades, Clube dos Dirigentes Lojistas-CDL, quatro níveis de ensino: infantil, fundamental, médio e superior, uma população de 70 mil habitantes, Glória é conhecida, como a “Capital do Sertão”. Anualmente, reúne fazendeiros do estado e de outros estados, durante as exposições de gado leiteiro e de outras raças; de cavalos de várias denominações de raças; de ovinos e caprinos de espécies diferentes.

Graco Cardoso não evoluiu os nascidos neste município são ciosos, suas casas são reformadas, gente laboriosa, a maioria dedicada à atividade rural, com fazendas produtoras de leite. Vendido parte à unidade da marca Glória, implantada na cidade do mesmo nome; a outra parte reservada para a produção de queijos, manteiga, para o consumo próprio e para venda. Graco Cardoso e Glória estão na região do sertão, com períodos de falta de chuva. Diante de secas prolongadas, nem por isso, o ânimo de sua gente, se abate acostumada a enfrentar situações adversas ocasionadas ora, por pragas de lagarta e gafanhoto que destroem as plantações de legumes, de cereais como feijão e milho, também de capim, ora, por falta de chuva, fato mais comum e, também, preocupante.

Para chegar a Graco Cardoso, saindo de Glória, passa-se por Feira Nova, uma cidade pequena, de população reduzida, mas de gente caprichosa. Suas casas são bem construídas, confortáveis e cuidadas. Quem chega à cidade, depois da estação rodoviária, tem boa impressão. Não tem comércio, apenas poucos bares e pequenas

mercearias. Conheci Feira Nova, Glória, e todos os demais municípios de Sergipe, em 1990, quando fui mandado do Rio de Janeiro a Sergipe, pela Fundação Centro Brasileiro da Infância e Adolescência-CBIA - da qual fui coordenador de Comunicação Social, e para implantar os Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente e o Conselho Tutelar.

Na realidade, o comércio de Feira Nova é encontrado em Glória, com supermercados, lojas shoppings, oferecendo tudo que se pode desejar distante apenas 20 quilômetros. Seus problemas são os mesmos de Graco Cardoso e dos demais municípios do sertão sergipano: secas e pragas, durante o outono e o inverno. No período, os fazendeiros precisam alugar pastos onde encontrar, independentemente de serem pertos ou distantes.

2

Construtor

Produção; início da criação; armazém; 1895.

Em 1894 (dois anos depois), a fazenda Panelas já produzia milho, feijão, algodão, iniciava a criação de gado das raças “indubrasil”, destinado ao corte, e “holandesa”, raça leiteira, originárias, da Índia e Holanda. Na feira aos sábados eram vendidos potes, moringas, panelas e outros produtos artesanais. A feira da fazenda era expressiva. Cobria toda a área central –

Da Igreja à Rua do Açougue que veio a se chamar Rua Alferes Pedro Vieira de Menezes O trabalho bem planejado torna-se produtivo. Sou dotado, Graças a Deus, de uma cabeça organizada e prática, quando decido, faço o que tenho de fazer, na ocasião certa. Continuou construindo casas vendendo-as para fortalecer seus ganhos. A fazenda no ano de 1895, três anos depois, já era uma comunidade que pedia a construção de sua igreja, atendida em julho deste ano, O templo foi abençoado pelo Padre Gonçalo Lima e dedicado a Nossa Senhora da Conceição, celebrada com festas na semana anterior ao dia 6 de setembro de todos os anos. Bem construída, espaçosa, dispõe de duas séries de bancos, separadas por um corredor central que leva ao altar, construído acima de dois degraus; e uma ala à direita de quem entra. As casas, já aumentadas, eram levantadas para acolher as famílias que vinham de fora – Glória, Feira Nova, Graco Cardoso, Porto da Folha, Gararu, Nossa Senhora de Lourdes, Canhoba, Amparo do São Francisco e Propriá.

Na área dos trabalhadores, distante do centro, cerca de um quilômetro, construíam-se casas para os escravos libertos e fugidos dos engenhos da região do Cotinguiba, ali chegados. Com o tempo, passou a ser chamado “quilombo” Matias, para lembrar o líder do grupo, depois, apenas “Matias”. Os trabalhadores e as famílias que chegavam se abasteciam de produtos básicos na casa comercial. Na época, o alimento precisava ser comprado em lugares distantes. Pragmático como dizia ser, teve ideia de criar o armazém para evitar o problema da distância. Pelo mesmo motivo, decidiu apressar a limpeza das terras para iniciar a produção. Começou a ganhar dinheiro com a venda dos produtos oferecidos não só na casa comercial, mas também, com as casas construídas. Os empregados não compraram, ganharam as casas. Resolvido esses problemas, solucionou outro, relacionado com o pagamento dos trabalhadores que compravam produtos no armazém. Eles não precisavam pagar no ato da compra, eram descontados do trabalho que realizavam na fazenda. A proposta foi aprovada pelos seus trabalhadores, considerada boa por eles e o patrão.

Rio São Francisco

Nascido na serra da Canastra, Minas Gerais, de uma cachoeira de água abundante, que descia do seu ponto mais alto, formando um córrego fino que abria caminho, alargava-se durante o percurso, saindo de Minas Gerais, entrando nos estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, formando seu estuário, até chegar à foz onde o rio São Francisco joga suas águas no Oceano Atlântico.

O rio São Francisco, com mais de dois mil quilômetros de extensão, atravessando e integrando cinco estados deste Brasil continental é conhecido como “o rio da integração nacional”. Com a construção do canal que leva água ao sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará mais justificará sua integração nacional. O rio tem contribuído para o progresso das cidades ribeirinhas, enriquecendo-as e fazendo a alegria dos pescadores. Houve um tempo em que seu volume de água permitia a navegação de navios e de embarcações de diversos mastros de velas. Estas embarcações, impulsionadas pelo vento - precioso combustível natural - enfunava suas velas ajudando-as a chegar ao seu destino.

Quando crianças e adolescentes, levados pelos pais, eu e meus irmãos, muito viajamos pelo rio São Francisco, de Propriá/SE a Belo Monte/AL para passar as férias do meio e final de ano com os avós “Mãe Céu”, “Pai Cruz” e a tia Esmera Sara, que ali residiam. Com a mudança dos avós para a cidade de Pão de Açúcar/AL, chamados

pelos filhos José e Joaquim Rezende que residiam nesta cidade, nossas viagens pelo rio São Francisco aumentaram de percurso. No período de enchente que, sempre acontece, a partir do outono e por todo o inverno, o rio São Francisco invadia, por um canal natural, a várzea grande da fazenda Valadão, formando uma imensa lagoa rasa que se presta para o plantio de arroz,

Pedro Menezes percebeu que, nas enchentes entravam peixes de diferentes espécies, pensou tirar proveito dessa riqueza. Criativo, decidiu, nessas ocasiões, fechar o canal com troncos de madeira, para manter os peixes presos se reproduzindo na lagoa. Quando da vazão do rio, acontecia estarem os peixes estocados, em quantidade considerável. O avô, de cabeça aprumada, decidiu criar o “**dia da pescaria**”, contando com a presença dos seus trabalhadores e famílias e de pessoas das comunidades de Canhoba, Amparo do São Francisco e da fazenda Escurial, um rico latifúndio da família de Francisco Monteiro de Freitas e Ana Machado de Freitas, pais de Maria Prazeres, filha única, que se tornou namorada, noiva e mulher de Pedro Menezes, história que será contada mais adiante.

O fazendeiro Antônio Carvalho, conhecido por “Antônio Caixeiro”, dono de uma fazenda no território de Canhoba, com sua casa sede, pintada de branco, voltada de frente para o rio São Francisco, aplaudia a criatividade de Pedro Menezes; fez-se seu amigo e contribuiu com o progresso de Canhoba. Tratou de melhorar a situação de sua reduzida população presenteando-a com a primeira escola que ostenta o seu nome e construindo casas para seus empregados.

A regularidade da enchente e da vazão do rio São Francisco que motivou a criação do **dia da pescaria** que se converteu num evento turístico de valor, fez com que o avô, repetisse o dito popular: “com uma só cajadada, matei dois coelhos”.